

PROPOSTA DE UM CAMINHO PARA A PSICOLOGIA JUNTO À CLASSE OPRIMIDA POR UMA PSICOLOGIA POPULAR

CEZAR WAGNER DE LIMA GÓIS

Prof. do Departamento de Psicologia da UFC
e Diretor do Centro de Desenvolvimento Humano.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho surgiu da busca de uma Psicologia que pudesse estar mais presente na vida do oprimido.

É um projeto de extensão universitária voltado para um esforço profundo e engajado na busca de uma transformação individual e social da classe oprimida.

O que apresentamos aqui é um esboço teórico e prático, visando compreender melhor a situação psicossocial e econômica do oprimido, a partir de nossa prática no Pirambu. Nosso mundo psíquico está cheio de "fantasmas psicológicos" que servem bem mais a uma elite intelectual e a um exercício simbólico desvinculado do drama social e humano do nosso povo. É preciso fazer com a Psicologia o mesmo que fez Pichón-Rivière com a Psicanálise — levá-la às ruas.

Só assim poderemos estar mais próximos da nossa realidade.

A psicologia tem um importante papel a desempenhar, mas, de um modo geral, está-se omitindo. Não iremos discutir as razões disso e creio que não é necessário nesse momento. O que propomos, e esse artigo serve para isso, é tentar discutir um caminho para uma Psicologia Popular.

Nosso povo, como diz Moffatt (1980) "... precisa de uma Sociologia, uma Psiquiatria, uma Psicologia, uma História e uma Antropologia que o ajudem a enfrentar o sistema ideológico dos opressores. E esse mesmo povo nos está dizendo do fundo das favelas, das fábricas, dos cárceres e dos manicômios: "De que lado estão vocês?... a quem servem?... aos exploradores... ou a nós"." (Moffatt, *Psicoterapia do Oprimido*, pág. 11. Cortez Editores, 1980).

Queremos continuar nessa linha de estudo e realizar novas investigações que venham refinar ou refutar as idéias e práticas contidas nesse trabalho e decorrentes de toda uma experiência com psicoterapia de abordagem corporal e com grupos populares, vivida pelo autor em Brasília, no Nordeste e, especificamente, no Pirambu.

Pretendemos debater, investigar e praticar, e, para isso, necessitamos expor nossas idéias e práticas, mesmo sabendo que estamos entrando numa área delicada, academicista e neutralista ou "apolítica".

Trata da tentativa de compreender as relações entre as condições sócio-econômicas de sobrevivência e a formação e manutenção de uma estrutura psicológica que o autor denominou de caráter oprimido ou caráter alienado. Evidencia elementos de submissão e resignação como constituintes de uma ideologia voltada para a manutenção e reforçamento da repressão ao núcleo de vida do oprimido e enfatiza o caminho da restauração do valor pessoal e do poder pessoal, através dos pequenos grupos populares, como essencial para a libertação da classe oprimida. Relata, também a aplicação da Psicologia Popular através de um projeto de extensão da Universidade Federal do Ceará, no Bairro Nossa Senhora das Graças do Pirambu.

1. INTRODUÇÃO

As instituições públicas de saúde mental atendem a população pobre através de um amplo programa de prevenção e provenção comunitária?

Penso que não.

Não há condição econômica, ideológica e nem justiça social suficiente dentro desse sistema sócio-econômico, para levar a psicoprofilaxia às populações pobres de maneira séria, abrangente e efetiva. Os serviços públicos, de um modo geral, estão comprometidos com a ideologia de dominação.

Dentro dessa perspectiva social e desumana só resta uma saída para o povo: ser responsável pela sua organização, decidir seu rumo, exigir os seus direitos e impor sua autoridade para governar.

É sob esse prisma que encontro o caminho para uma Psicologia Popular.

Essa Psicologia nasce da força das interações humanas no meio popular, do poder que elas têm de integrar ou de desintegrar radicalmente o indivíduo e a comunidade.

Sabemos que a "patologia mental", bem como o conflito de vizinhança, a apatia e a alienação individual e coletiva através da droga, da capangagem e das novelas e outros programas de rádio e televisão, possuem suas bases numa dinâmica social exploradora, cujo prisma central é a dominação através de fortíssimas estruturas autoritárias que se reproduzem em todos os níveis da sociedade.

A patologia individual e social, assim como a saúde, são expressões da realidade social, cuja dinâmica poderá contribuir mais para a enfermidade do que para a saúde e o bem-estar da população.

Sampaio (1983) cita a seguinte classificação de sociedades:

"a) *Sociedades Anônimas* — embrionárias, que oferecem poucas referências para a solução da maior parte das situações-problemas colocadas por ela mesma;

"b) *Sociedades Heteronômicas* — divididas em classes, que oferecem inúmeras referências para a mesma situação-problema, na maioria das vezes antagônicas e excludentes;

"c) *Sociedades Autônômicas* — harmonicamente desenvolvidas, que oferecem substanciais referências para resolver situações-problemas, prevendo e provendo soluções com flexibilidade".

Numa sociedade dividida em classe, como a nossa, não há prevenção e provenção de condições para a resolução dos problemas da classe oprimida, a não ser aquelas condições para uma maior dominação e exploração. Essa ação é facilitada através dos meios de divulgação, pela escolarização, pela religião, pela própria família e por outros meios, reproduzindo o autoritarismo e a submissão nas suas formas mais violentas e alienantes.

Strotzka (1968), citado por Sampaio (1983), "falando sobre acumulação de esquizofrenias, psicoses orgânicas e psicoses senis nas classes sociais inferiores, pergunta se isto é devido a uma descida social em consequência da doença ou uma tensão específica das classes inferiores. A maioria dos autores conservadores concorda com a primeira hipótese, mas Fanon (1968) afirma que "No mundo opressor, a afetividade do oprimido está sempre à flor da pele, e o psiquismo se retrai, se oblitera, se descarrega em demonstrações musculares que fazem com que os sábios das classes dirigentes digam que o oprimido é antes de tudo um histórico. (...). O surgimento da opressão significa sincreticamente a morte das possibilidades de organização autônoma, a letargia cultural, a petrificação das pessoas".

"As classes dirigentes atuam sobre o mundo com a intencionalidade manifesta de controlar as leis sócio-econômicas, o incosciente e as leis naturais, assim semeando de interdições, promiscuidade, menosvalia e sentimentos de culpa, a vida dos oprimidos. Sociedades autoritárias, consumistas, individualistas, competitivas, imediatistas, objetivos e excludentes, engendram as patologias da violência e da manipulação, as patologias do poder, da opressão e dos terrores do egoísmo e das chantagens, infantilmente regressivas". Sampaio (1983).

Arthur Jores (citado por Toro — 1980), inovador da medicina Psicossomática, pesquisando para a O. M. S., elaborou um catálogo geral de patologia. Classificou 2.000 doenças existentes, sendo 1.500 manifestas apenas em seres humanos e as 500 restantes, manifestas nos seres humanos e nos animais.

No grupo das 500 doenças estão as de origem traumáticas, virógenas, bacterianas, parasitárias e carenciais.

O grupo das 1.500 (antropogenéticas) são exclusivas dos seres humanos e representam o preço que temos de pagar por vivermos numa sociedade repressiva e produtivista. A esse grupo Jores denominou de "Enfermidades de Civilização", incluindo nessa categoria: neuroses, psicoses, psicopatias, doenças psicossomáticas, doenças cardíacas e circulatórias, transtornos endócrinos, desequilíbrios da termo-regulação, doenças articulares, renais e hepáticas, alteração da resposta sexual, síndromes neurológicas (nevrite, hemicrania, enxaqueca), alteração da percepção sensorial e da motricidade (cansaço crônico), rigidez musculares etc), (Toro, 1977).

A classe dirigente faz frente a essas 2.000 doenças de diversas formas, inclusive com psicoterapia, pois tem recursos e opções.

Quanto à classe oprimida, esta não possui recursos e opções efetivas. Fica entregue à própria sorte.

Mas o pobre (1) não se imobiliza por completo e reage como pode, principalmente através da violência e do servilismo.

É comum encontrar num bairro pobre:

- desagregação familiar e individual;
- conflito de vizinhança;
- alcoolismo;
- violência;
- suicídio;
- toxicomania;
- servilismo;
- angústia;
- depressão;
- banditismo;
- fanatismo religioso e crença na salvação;
- aceitação do trabalho explorador.

Além desses aspectos destrutivos também encontramos:

- linguagem própria (neologismos);
- artes e festas;
- bondade ingênua;
- vontade de ser querido e valorizado;
- espírito de luta necessitando de orientação.

Tudo isso é encontrado no bairro pobre. São forças psicossociais intensas e radicais a serem facilitadas para a integração e desenvolvimento do indivíduo e da comunidade. Forças que servirão para delinear um novo tecido psicológico e social.

Refazer a cultura, criar novos valores, tecer um novo tecido social e econômico, enriquecido de organização comunitária, participação política, solidariedade, intimidade e justiça social, é o caminho que a classe oprimida poderá criar numa luta social, justa e popular.

2. A SITUAÇÃO DA CLASSE OPRIMIDA

A situação atual de dominação e exploração do oprimido revela um drama de destruição jamais visto. É um extermínio sem sucesso, pois a cada dia aumenta mais a população pobre e diminuem as elites.

Para onde vai a humanidade nesse rumo da miséria e do contraceptivo, onde os pobres têm muitos filhos e nenhuma riqueza e os ricos têm poucos filhos e muita riqueza?

Existem dois caminhos: a socialização econômica e política ou o extermínio planejado e aplicado antes e depois do nascimento para manter um nível populacional adequado aos interesses econômicos e políticos da classe dirigente.

Atualmente a tecnologia do controle e do extermínio é sofisticada, permitindo uma ação mais abrangente e profunda sobre a classe oprimida. É necessário rompermos com essa tendência e atuar com o oprimido em busca do caminho da socialização econômica e política.

Caminhar para modificar a situação da classe oprimida não só beneficiará a ela, mas a toda a humanidade que busca a justiça social e uma vida melhor em nosso planeta.

Os dados revelam a concentração de renda no mundo, o aumento geométrico da pobreza e, mais sério ainda, o aparecimento de uma sub-raça física e mental.

Não podemos, como Psicólogos, ficar omissos como se esses problemas não fossem nossos problemas ou o problema básico da humanidade. A estrutura psíquica não se forma por geração espontânea, mas como resultado da força genética facilitada e moldada pela realidade onde o ser humano está mergulhado.

2.1. Alguns Dados Sobre a Região Nordeste:

Loyello (1983) cita trechos da II Declaração de Havana para mostrar a situação sócio-econômica e as condições de saúde da América Latina. "Neste Continente morrem de fome, de enfermidades curáveis ou velhice 4 pessoas por minuto, 5.500 por dia, 2 milhões por ano e 10 milhões cada 5 anos... (e segue paralelamente) na América Latina são retiradas para as multinacionais uma corrente contínua de dólares: 4.000 dólares por minuto, 5 milhões por dia, 2 bilhões por ano e 10 bilhões cada 5 anos. Para cada mil dólares que partem da América Latina ganhamos uma morte; este é o preço da nossa dependência econômica. Mil dólares por cada morte, quatro vezes em um minuto".

Pesquisa realizada pelo Prof. Ângelo de Souza, da Fundação Getúlio Vargas (citado por Loyello, 1983), constatou que o Brasil possui 30 milhões de pessoas em estado de "pobreza absoluta", sem condições de ter o mínimo necessário à alimentação. Esses 30 milhões subiriam bastante se fossem "corrigidos pelo índice de concentração da nossa renda interna". Loyello, 1983).

Se esses índices fossem tomados apenas nas regiões mais pobres da América Latina e do Brasil, como o Nordeste por exemplo, teríamos um índice de po-

1. Os termos "pobre", "oprimido", são empregados pelo autor para caracterizar pessoas que vivem na periferia das cidades, sem condições de moradia e saneamento, e ganhando no máximo, quando empregadas, (em 1984) quatro salários mínimos.

breza absoluta quase próximo da totalidade populacional dessas regiões.

Vieira da Silva (1983) relata os seguintes dados, sobre a miséria do Nordeste:

- 79,4% dos nordestinos passam fome;
- 54,2% dos nordestinos das cidades ganham menos de 1 salário mínimo;
- 82,3% dos trabalhadores rurais do NE ganham menos de 1 salário mínimo.

ÓBITOS E COEFICIENTES DE MORTALIDADE POR ENTERITE E OUTRAS DOENÇAS DIARRÉICAS EM ALGUMAS CAPITAIS DO BRASIL – 1977 (Rouquayrol, 1983)

CAPITAIS	N.º DE ÓBITOS	COEF. P/ 100.000
São Luis	516	169,7
Teresina	304	111,0
Natal	578	174,2
João Pessoa	309	112,4
Maceió	1040	336,3
Salvador	1265	106,9
Rio de Janeiro	1246*	26,5*
São Paulo	4502	60,9
Curitiba	780	91,9
Porto Alegre	158	15,4

FONTE: IBGE – Anuário Estatístico 1979 – (*) Dados de 1974 para o Rio de Janeiro.

Gurgel (1982) citado por residentes em greve (1984) do Hospital das Clínicas da UFC, revela que 28,86% das crianças que morrem antes do 1.º ano de vida não chegam a ter assistência médica.

DOMICÍLIOS COM CANALIZAÇÃO DE ÁGUA DO ABASTECIMENTO PÚBLICO EM ALGUMAS CAPITAIS EM 1970. (Rouquayrol, 1983).

CAPITAIS	DOMICÍLIOS LIGADOS A REDE/N.º	%
Fortaleza	21.082*	14,0* (20% – 1982)
Recife	129.508	43,0
Salvador	98.469	51,2
Rio de Janeiro	1.051.136	70,9
São Paulo	1.011.081	60,5
Porto Alegre	208.964	67,4

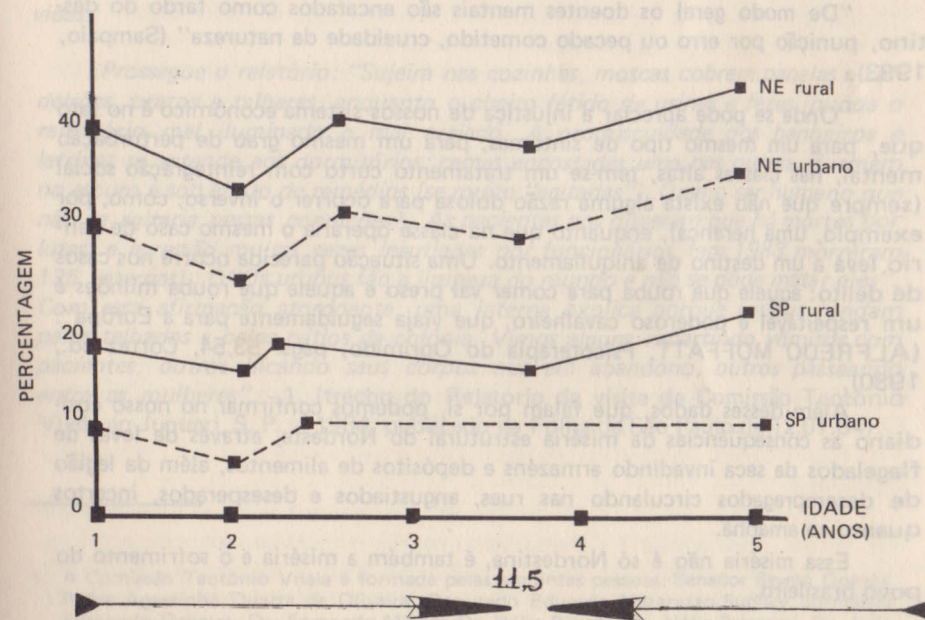
FONTE: IBGE – Anuário Estatístico, 1978 – (*) “Dados atuais de Fortaleza indicam que apenas cerca de 20% das Casas estão ligadas a rede do serviço público” (Rouquayrol, 1982).

QUANTIDADE DE ALIMENTOS CONSUMIDOS NAS REGIÕES SUL E NORDESTE DO BRASIL – 1975. (Rouquayrol, 1983).

Amostra de Alimentos	Quantidade ingerida por comensal/dia (em gramas)	
	Região III – Sul	Região V – Nordeste (MA, PI, CE, RN, PB, PE, AL, SE, BA)
Legumes e verduras	91	38
Carnes e pescados	110	89
Ovos, leite, queijos	184	89
Farinha de mandioca	9	110

FONTE: IBGE Anuário Estatístico, 1979

PORCENTAGEM DE CRIANÇAS COM NANISMO NUTRICIONAL NO NORDESTE E EM SÃO PAULO DE ACORDO COM A ZONA RURAL E URBANA: (ROUQUAYROL, 1983).



Fonte: IBGE/UNICEF – Perfil Estatístico de crianças e mães no Brasil.

Souza (1977), citado por Rouquayrol (1983), realizou um estudo comparativo entre estado nutricional e inteligência global, "em estudantes de escolas públicas e privadas de Fortaleza", e encontrou "elevados índices de déficit mental além de baixo peso e nanismo entre as crianças de escolas públicas da periferia".

Picanço Cals, 1982 (dados referentes a 1978), citado por Sampaio (1983) "fazem um balanço da assistência psiquiátrica hospitalar em Fortaleza, cujas principais conclusões ainda continuam válidas:

- são precárias as condições sócio-econômicas da população;
- a hospitalização garante o papel de doente e assegura recursos para sobrevivência (alimentação e licença-saúde);
- as famílias não têm condições de amparar o paciente, por falta de recursos e de pessoas disponíveis, e pelo despertar de culpas e ansiedades paranóides;
- ocorrem altas precoce ou antecipadas, para satisfazer obrigações contratuais do INAMPS;
- inexistência de programas de reabilitação".

Sampaio e Moura Fé (1980), citados por Sampaio (1983), pesquisando sobre saúde mental no bairro de Messejana, em Fortaleza, constataram, entre outros dados, que a doença mental é responsável por metade dos benefícios previdenciários por motivo-doença.

"De modo geral os doentes mentais são encarados como fardo do destino, punição por erro ou pecado cometido, crueldade da natureza" (Sampaio, 1983).

"Onde se pode apreciar a injustiça de nossos sistema econômico é no fato que, para um mesmo tipo de sintomas, para um mesmo grau de perturbação mental, nas classes altas, tem-se um tratamento curto com reintegração social (sempre que não exista alguma razão dolosa para ocorrer o inverso, como, por exemplo, uma herança), enquanto que na classe operária o mesmo caso de delírio leva a um destino de aniquilamento. Uma situação parecida ocorre nos casos de delito: aquele que rouba para comer vai preso e aquele que rouba milhões é um respeitável e poderoso cavalheiro, que viaja seguidamente para a Europa". (ALFREDO MOFFATT, Psicoterapia do Oprimido, págs. 53,54, Cortez ed., 1980).

Além desses dados, que falam por si, podemos confirmar no nosso cotidiano as conseqüências da miséria estrutural do Nordeste, através de levas de flagelados da seca invadindo armazéns e depósitos de alimentos, além da legião de desempregados circulando nas ruas, angustiados e desesperados, incertos quanto ao amanhã.

Essa miséria não é só Nordestina, é também a miséria e o sofrimento do povo brasileiro.

2.2. A Violência Contra o Núcleo de Vida do Oprimido:

Hoje em dia há uma grande discussão a respeito da violência, inclusive com propostas de legalização da pena de morte.

Quero enfatizar aqui a violência contra a classe oprimida oficializada através de uma instituição pública com a cumplicidade da psiquiatria e da psicologia.

Vejamos o que nos diz o relatório da Comissão Teotônio Vilela (1984): "Num mesmo pátio estão 187 mulheres: oligofrênicas, esquizofrênicas, epilépticas (mulheres cujos problemas são diferentes e que jamais poderiam estar vivendo no mesmo espaço); há jovens, adultos e velhos (a maioria parece idosa, mas não é possível saber se a velhice é real ou efeito do internamento); as mulheres, confinadas e sem referências temporais, não sabem sua própria idade, nem há quanto tempo ali estão); nuas, esqueléticas ou obesas, algumas "vestidas", sentadas ou deitadas no chão; umas choram, outras riem ou gritam quando nos vêem, aproximam-se, tocam-nos, desejam falar e serem ouvidas — solidão, carência de afeto, desespero, medo, tudo isso nos olhos e na fala. Outras se afastam e outras permanecem indiferentes. Uma estava sentada no chão comendo vômito, enquanto outra comia fezes; uma outra, que fabricou com barro uma espécie de cachimbo, chora pedindo fumo. A miséria, o confinamento traça a linha de suas vidas.

Prossegue o relatório: "Sujeira nas cozinhas, moscas cobrem panelas e caldeirões, pratos e talheres, enquanto o cheiro fétido de urinas e fezes inunda o refeitório mal iluminado e mal arejado. A promiscuidade dos banheiros e latrinas se estende aos dormitórios: camas encostadas uma nas outras, dormem no escuro e sob efeito de remédios (se muito "agitadas"). Qual o ser humano que não se agitaria nessas condições? As pacientes nos disseram que há mortes por lutas, e agressão muitas vezes insufladas por funcionários (em 1983 morreram 125 internas). O "Os urubus são a limpeza do mundo e não se pode matar eles". Com essa afirmação atordoante, uma interna explica porque urubus rondam pelos telhados e pelos pátios da colônia. Vimos alguns repartindo vômitos com pacientes, outros bicando seus corpos nus em abandono, outros passeando entre as mulheres". 1. (trecho do Relatório da visita da Comissão Teotônio Vilela ao Juqueri, S. P. — 1984, publicado na Folha de São Paulo de 12.01.84).

1. A Comissão Teotônio Vilela é formada pelas seguintes pessoas: Senador Severo Gomes, Padre Agostinho Duarte de Oliveira, Deputado Eduardo Matarazzo Suplicy, Jornalista Fernando Gabeira, Dr. Fernando Millan, Dr. Hélio Bicudo, Dr. Hélio Pelegrino, Dr. João Batista Breda, Deputado José Gregori, Sra. Margarida Genovois, Sra. Maria Helena Gregori, Prof.^a Marilena Chauí e Prof. Paulo Sérgio Pinheiro.

Esse relato leva-nos a muitas conclusões e a um profundo sentimento de dor e indignação.

Onde está o núcleo de vida inerente a todo ser humano? Encontra-se enraizado nas profundezas dessas mulheres renegadas, sem nenhuma possibilidade de se manifestar e desabrochar.

A desorganização psíquica chegou a tal ponto (devido às vivências psicossociais de cada uma em seu meio sócio-econômico miserável e, no presente, as condições absurdas desse hospital psiquiátrico), que a reversão dos quadros psicológicos é praticamente impossível.

Por que se chegou a essa tão dramática e violenta situação "humana"?

Acreditamos que as razões não poderão ser encontradas apenas no funcionamento do Juqueri. Elas devem se procurar nas condições sócio-econômicas que envolvem a classe oprimida e nos mecanismos de opressão, exploração e reprodução de estruturas psíquicas.

Exploradas, perseguidas, acuadas, essas mulheres representam a classe oprimida na sua trajetória sub-humana.

Essa "loucura" do Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha (Juqueri), é o estágio final, como a penitenciária e o cemitério, de um processo de destruição da identidade do oprimido, do seu valor pessoal e do seu poder pessoal. Um processo iniciado no útero materno, na fome crônica, na miséria e na violência.

Toda a energia psicossocial e econômica necessária à formação e ao desenvolvimento de milhões de seres humanos é transformada em dólares para o benefício da classe dirigente nacional e internacional.

O que resta do oprimido? Se sobreviver, um corpo maltratado, carregado de raiva e de medo caracterológicos, que representam uma reação primária de defesa mal canalizada e desvirtuada para a destrutividade do indivíduo e de sua classe. Quando essa destrutividade ultrapassa os limites da classe oprimida são intensificadas ações repressivas e alienantes, utilizando-se, o poder opressor, de policiais, padres, psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, sociólogos, economistas, educadores, médicos etc. *Dessa forma surge "a morte das possibilidades de organização autônoma, a letargia cultural, a petrificação das pessoas"*. (Fanon, citado por Loyello, 1983).

Manter o corpo petrificado (tensões musculares crônicas), inconscientemente, é a solução encontrada pelo núcleo de vida do oprimido para protegê-lo, pelo menos precariamente, das condições psicossociais e econômicas adversas. Na maioria das vezes, essa proteção contribui para a desorganização da família e do bairro, como também para a sua prisão, loucura ou morte por infecção ou assassinato.

Assim, o núcleo de vida continua enquadrado numa existência desumana e sem futuro, onde a vida é violentamente negada ou sucumbe pela própria destruição do organismo. Carl Rogers (1980) diz que *"a tendência realizadora pode, evidentemente, ser frustrada ou desvirtuada, mas não pode ser destruída sem que se destrua também o organismo"*. Isso é um fato e o sistema opressor procura, realmente, além de enquadrar, também destruir o oprimido.

3. UMA LINHA DE AÇÃO PARA A PSICOLOGIA POPULAR

As relações psicossociais assentadas em um *quadro de exploração e miséria como esse são de conseqüências desastrosas para a formação e o desenvolvimento do indivíduo e da população*

Como a dinâmica familiar influenciará na formação e desenvolvimento de cada membro de uma família, cujo pai desempregado é alcóolatra, a mãe trabalha como operária de castanha, têm oito filhos e moram num barraco de dois cômodos, numa rua enlameada, sem esgotos e sem água potável? Como cada um expressará a exploração e a injustiça social? Como se darão as relações psicossociais entre eles?

Esta Situação é Comum no Pirambu.

Em Fortaleza temos aproximadamente 300 favelas (Arquidiocese de Fortaleza — 1982), além de uma grande população praticamente sem recursos, desempregada, subempregada ou ganhando no máximo quatro salários mínimos.

Apenas no Pirambu, um bairro que se subdivide em duas paróquias, Cristo Redentor e Nossa Senhora das Graças, temos uma população por volta dos 140.000 habitantes (dado fornecido por membros do Conselho Comunitário do Bairro Nossa Senhora das Graças, baseado no Censo de 1980).

O Bairro Nossa Senhora das Graças do Pirambu apresenta uma população de aproximadamente 70.000 pessoas, carente dos recursos básicos, como alimentação, emprego, moradia, saúde, escola, água, esgoto, luz e segurança, assim como de respeito, valorização e afeto.

Tais condições psicossociais e econômicas geram problemas de diversas ordens, tais como: *desagregação familiar, alcoolismo, toxicomania, violência, distúrbios psicológicos leves e graves, conflitos de vizinhança e alienação individual, familiar e social.*

Por outro lado, esses problemas mantêm um círculo vicioso entre a miséria e a desorganização psicossocial do bairro, dos quarteirões, das famílias e das pessoas.

Só porque são pobres devem ser "curados" ou "enquadrados" com alienação, cadeia, internação ou cemitério?

Washington Loyello (1983), analisando as condições do pobre, propõe uma "Psiquiatria Libertadora".

Apresenta um relato da pobreza e pergunta: *É possível uma Psicoterapia Popular?* E responde afirmativamente, fazendo as seguintes considerações:

"Evidente que os esquemas referenciais e as técnicas de verbalização sofisticadas, aplicadas e aplicáveis nas classes média e alta, são inoperantes na maioria da classe pobre. Quando encaramos a psicoterapia popular somos obrigados a reformular e ampliar o conceito da psicoterapia. Necessitaríamos também superar a artificial histórica dicotomia entre prevenção e tratamento entre os cuidados à saúde e à doença. Não podemos nos limitar ao alívio dos indivíduos isoladamente sem ao mesmo tempo destruir os "fatores de tensão"

que constituem, em última análise, as condições patogênicas nas quais vivem as populações pobres. Ou nos conscientizamos dessa exigência ou estaremos nos enganando, voluntária ou involuntariamente. Não é possível pensar em psicoterapia do pobre quando as condições concretas lhes negam a comida, a habitação, a estabilidade e a instrução. (...) "Oferecer cuidados psicoterápicos exclusivamente aos indivíduos, escotomizados no contexto social condicionante, além de representar uma posição ingênua, é frustradora e ineficiente. Significa o mesmo que tentar eliminar os efeitos, deixando intatos e perpetuando-se os germes causais e determinantes dos efeitos. Não é mais possível, na altura dos nossos conhecimentos sobre a causalidade e a dinâmica do fato psiquiátrico, escotomizar a verdade, isto é, ocultar que a situação conflitual dos indivíduos produz-se na dialética ininterrupta do sujeito e o mundo social. O mundo da pobreza possui também instrumentos estabilizadores e recuperadores dos desequilíbrios psíquicos, que precisam ser mobilizados numa estratégia psicoterápica popular. É utilizando todos os mecanismos estabilizadores da personalidade, respeitando os fundamentos culturais, que a nossa ação poderá ser profícua e alcançar o grande número de necessitados. Consideramos e defendemos a tese segundo a qual o mecanismo estabilizador, por excelência, do psiquismo das camadas pobres, consiste na sua organização e militância reivindicatória em favor do atendimento de suas necessidades básicas: salários condignos, condições de trabalho humanizadas, e melhorias constantes na qualidade de vida.

A atividade coletiva e associada aos autênticos e sentidos objetivos mobiliza os pobres na direção do futuro e empresta-lhes a sensação de esperança, em dias melhores conquistados por suas próprias forças e potências". (Loyello, Washington — Para uma Psiquiatria da Libertação, pgs. 14, Ed. Achiamé, 1983).

A organização comunitária, os grupos de jovens, as hortas comunitárias, as atividades de reflexão e ação comunitária, o mutirão, as lutas reivindicatórias, as reflexões existenciais e emocionais em grupo, o esporte etc..., são formas concretas da ampliação do conceito e da prática psicoterápica e onde se integram os conceitos de prevenção e tratamento.

São também atividades que estabelecem ou restabelecem as condições de crescimento pessoal e comunitário. É o espaço onde deve ser teorizada e praticada a Psicologia Popular.

Atuar no contexto psicossocial e econômico do oprimido, buscando resgatar, fortalecer e criar relações culturais, sociais, econômicas e psicológicas saudáveis, facilitando o esforço de organização da população e de sua luta contra a opressão, são ações que devem fazer parte da atuação do Psicólogo Popular.

Um estudo mais aprofundado deve ser realizado a respeito da ideologia de submissão e resignação, do caráter oprimido, do valor pessoal e do poder pessoal e das formas de atuação psicossocial junto à classe oprimida. Para isso propomos:

- Criar uma relação de confiança com a classe oprimida;
- Estudar e vivenciar as suas condições de vida;

- Levantar, com os moradores, toda a situação de dificuldade em que vivem e as formas de solução;
- Facilitar a formação de pequenos grupos populares nas áreas de interesses das pessoas;
- Estudar os elementos ideológicos de submissão e resignação, o caráter oprimido e as formas de resgatar o valor pessoal e o poder pessoal;
- Facilitar o crescimento individual, a organização psicossocial e a luta reivindicatória e política, através de: Grupos de Encontro, Grupos de Vivência, Círculos de Cultura, Comissões Reivindicatórias e Mobilizações Maiores.

Pode-se pensar que isso não é Psicologia, pois estaria voltada, também, para uma ação política; ou estaria o Psicólogo Popular atuando como um Educador, um Sociólogo ou um Militante Político. Quero enfatizar que a ideologia de submissão e resignação, o caráter oprimido e o valor pessoal e o poder pessoal, são componentes estruturados no mundo psicológico do oprimido e não se isolam de todo um contexto que é responsável por eles, o qual precisa ser mudado. Lançar mão de conhecimentos e de experiências da Educação, Sociologia, Antropologia, Medicina, Direito, Política, História etc., além da própria Psicologia, visando a restauração do núcleo de vida ou tendência realizadora da classe oprimida é a tarefa de uma Psicologia Popular.

Pesquisar, adquirir novos conhecimentos e práticas, criar métodos de trabalho psicossocial para modificar ou reduzir essa situação, utilizando-se principalmente das forças vivas desse segmento social, é de vital importância.

Creemos que há uma responsabilidade de todos nós profissionais de Psicologia com a situação do oprimido. A omissão ou a utilização de modelos teóricos inadequados servirão apenas para manter as condições de dominação e exploração nos rótulos da Psicologia e da Psiquiatria.

A maioria de nós estudou em Universidades Públicas, sustentadas pelo próprio povo. Sustentadas pelo suor e pela miséria do nosso povo, em vez de serem sustentadas pelo lucro e riqueza das classes dominantes.

Esse dinheiro que vem do governo ou dos acordos internacionais, como FMI e Banco Mundial, é dinheiro do nosso povo, cujas veias abertas estão sangrando para o capital nacional e internacional.

O nosso compromisso é com uma Psicologia Popular onde se organizam os conhecimentos e práticas psicossociais voltadas para a:

- Autonomia individual e de grupo
- Integração e participação comunitária e política
- Justiça social.

4. ALGUNS COMPONENTES CONCEITUAIS

No estudo e na convivência com a classe pobre pudemos verificar a existência de uma rede ideológica voltada para o seu aniquilamento, a qual denominamos de ideologia de submissão e resignação. Observamos, também, a presença de certas características psicossociais e corporais que denominamos

no conjunto de caráter oprimido, isto é, uma estrutura psicológica orientada para proteger o oprimido mas, ao mesmo tempo, impedindo a expressão do seu valor pessoal e do seu poder pessoal.

Queremos expor aqui o que pensamos sobre esses conceitos:

- Ideologia de submissão e resignação;
- Caráter oprimido;
- Valor pessoal e poder pessoal.

4.1. A Ideologia de Submissão e Resignação

A sociedade humana sofre o peso de uma estrutura autoritária massacrante e em todos os níveis sociais, sendo a classe oprimida a mais atingida. Essa estrutura mantém o nível de tensão social bastante alto, o qual, por sua vez, precisa ser controlado. A submissão e a resignação, na classe oprimida, exercem essa função, através do reforçamento do caráter oprimido.

Acreditamos na existência de uma ideologia de submissão e resignação que dá o elemento de sustentação e reforço da repressão ao núcleo de vida do oprimido. Ela está presente nas condições de vida e na própria estrutura psíquica dessa classe social. Começa a se formar a partir das vivências do oprimido no útero materno, onde o estado crônico de fome e de tensão da mãe vai produzindo os primeiros sinais de submissão e resignação, pelo simples fato do feto necessitar de nutrientes e não recebê-los satisfatoriamente durante os nove meses de gestação.

O feto vai-se adaptando a isso e a uma presença mais constante dos hormônios de defesa imediata e mediata; há remédios que a mãe toma para se livrar das infecções constantes e que, circulando na corrente sanguínea da mãe, também circulam na do feto. Além das *misturas* que muitas vezes toma para abortar e não consegue.

O núcleo de vida é agredido violentamente e *enquadrado* bem antes do nascimento. As crianças nascem com sérias deficiências, muitas vezes irreversíveis. No passar dos anos, se sobreviverem além dos três anos de idade, vão cada vez mais se enrijecendo e se alienando, até chegar a um jovem ou a um adulto hostil e ou servil.

A ideologia de submissão e resignação vai se fazendo presente em quase toda a prática do oprimido. Seja em casa, na relação mãe-filho, na descrença de que as coisas podem mudar, na aceitação de um destino, na sonegação de informações pela classe dirigente, no ensino das escolas de periferia, na influência de grupos de catequese e evangelização, na falsa promessa dos políticos e das instituições, na permanência durante gerações da ausência de alimentos, água potável, condições de moradia, de esgotos, falta de emprego ou péssimas condições de trabalho, na violência ostensiva da polícia etc.

Manifesta-se diariamente, tanto pela ação dos opressores, como pela expressão do caráter oprimido, ou seja, quando o oprimido rompe com as relações familiares ou com a sua vizinhança, através do isolamento ou das agres-

sões; quando parte para a droga, assalto ou assassinato. Por outro lado, também, está presente quando se submete à inferiorização cultural, social e econômica; quando aceita o seu lugar ou obedece cegamente ao patrão, como empregado ou capanga; quando acredita que só no céu poderá viver bem ou quando imagina que a sua situação é desejo de Deus. Também se manifesta quando ignora a realidade em que vive e acredita que só as autoridades podem resolver os seus problemas, ou quando tenta ser o próprio opressor.

Todos esses fatores formam no cotidiano a rede estrutural e funcional da submissão e resignação, presentes numa ideologia tecida ao longo do tempo para manter o oprimido afastado da vida, impedindo-o de acreditar no seu potencial de realização humana e a agir com consciência, autonomia e intimidade.

4.2. O Caráter Oprimido

O caráter é o modo da pessoa estar no mundo. É a sua posição existencial frente às situações de vida e a maneira como responde às solicitações internas e externas a si mesma.

Ao falarmos de caráter estamos falando de algo visível e observável, o comportamento da pessoa, seu modo de agir, falar etc. Quando essa maneira de responder torna-se habitual, repetitiva ou estereotipada, podemos dizer que estamos diante de um caráter neurótico.

No livro *Análise do Caráter*, Reich (1979) relata que a formação do caráter neurótico é produzida pela repressão da energia libidinal, pela fixação das situações pré-genitais. Nesse caso, em torno do Ego vai se formando uma blindagem para protegê-lo do conflito e permitir um modo *Estável* de viver frente às angústias e os medos.

Essa blindagem psíquica é uma couraça que se forma a nível da musculatura, modelando um caráter para a pessoa.

O caráter neurótico não depende das condições específicas de uma classe social, mas da própria sociedade como um todo. Isso quer dizer que encontramos esse caráter em pessoas de qualquer classe social.

A formação e o desenvolvimento da estrutura psíquica depende das forças internas e das forças externas à pessoa. A maneira como essas forças se combinam vai resultar numa determinada estrutura psíquica. Se elas se integram através do fluxo natural de trocas entre sistemas, o psiquismo se estrutura de modo saudável e consistente; se essas forças internas e externas atuam sob condições de competição e repressão constantes, como sistemas fechados, a estrutura psíquica se enrijece, criando um envoltório protetor ou blindagem de caráter, ou caráter neurótico. Para Reich a repressão atuaria para impedir o fluxo

natural da energia libinal; para nós seria a repressão (1) dos potenciais evolutivos de vitalidade, sexualidade, criatividade e transcendência (Toro, 1977), e o reforçamento positivo de comportamentos dissociados, inadequados às condições de autonomia, intimidade e consciência pessoal.

Essa seria a condição geral de formação e de desenvolvimento da estrutura psíquica de uma pessoa de qualquer classe social. Por outro lado, existem condições específicas que delinham de forma particular a estrutura psíquica de cada um. Além das condições específicas individuais, numa sociedade de classe, acreditamos, também, nas condições específicas de classe.

A classe oprimida está mergulhada profundamente na questão da sobrevivência. Enquanto a estrutura psíquica da classe dirigente se forma e se desenvolve fora da sobrevivência sócio-econômica, na classe oprimida ela está diretamente submetida a essas condições.

O mundo do oprimido é o da miséria, da ignorância e da marginalização, situação que não encontramos na classe dirigente. A opressão e a exploração são cruéis e atuam desde a vida intra-uterina.

A classe dirigente tem como condição para a formação e desenvolvimento de sua estrutura psíquica, situações de vida voltadas para a satisfação de necessidades de desenvolvimento pessoal; a classe oprimida tem como condição, situações diretamente voltadas para a satisfação das necessidades primárias de sobrevivência, nas quais se fixa cronicamente durante gerações e gerações.

A estrutura psíquica da classe dirigente se enraíza nas condições de desenvolvimento onde o fator sobrevivência é menos decisivo. Na classe oprimida ela se enraíza em condições de sobrevivência, miséria e alienação; a questão da sobrevivência é central e todo o seu mundo psicológico se estrutura e se orienta para isso, sob muitos aspectos na forma de caráter oprimido.

O caráter oprimido surge das condições específicas da classe oprimida. É formado pelo bloqueio (2) do potencial evolutivo ou núcleo de vida que se manifesta através das vivências de vitalidade, sexualidade, criatividade, afetividade e transcendência, realizado pelas condições psicossociais e econômicas de sobrevivência e reforçado por uma ideologia de submissão e resignação. Não é um

1. A repressão, em Biodança, é uma "estrutura que infiltra a existência em todos os seus detalhes, em toda circunstância e nas mais variadas formas. Está presente na arquitetura e no urbanismo, na distribuição dos móveis da casa, na vestimenta, nos livros, no trabalho, na escola, nos gestos, nos movimentos, nos alimentos etc. Queremos dizer que a repressão é uma dimensão ativa que intervem nas relações sociais, afetivas, políticas e culturais. A estrutura de repressão está instalada na pessoa em forma de couraça muscular, tensões viscerais, padrões de respostas bioquímicas e em cada um das expressões do mundo cultural". (Toro, 1977).

2. Em Biodança temos o bloqueio, a dissociação e a desorganização, como conceitos que tratam da repressão ao potencial evolutivo da pessoa. O bloqueio não é uma psicopatologia, mas um fenômeno de obstrução da vida. A dissociação e a desorganização podem ser consideradas como psicopatologia.

caráter neurótico e sim um caráter alienado. Isso quer dizer que o caráter oprimido é fruto do subdesenvolvimento e não de uma psicopatologia (3). Suas manifestações mais características são as expressões de hostilidade e servilismo presentes nas ações do oprimido, no pensar, no sentir e no agir.

Esse caráter é um modo de sobrevivência encontrado, inconscientemente, pela classe oprimida para reduzir sua angústia e sofrimento frente à miséria e à violência, para não ser eliminada psíquica e fisicamente. É uma tentativa de resistir ao *caminho de vida* imposto pela classe dirigente, cujo final é representado pela penitenciária, manicômio ou cemitério.

Resistindo através desse caráter o pobre não consegue se desvencilhar da opressão e mais a reforça, pois o caráter oprimido não é uma solução viável de luta e crescimento pessoal e social, mas um reflexo da opressão que se torna opressão.

Trabalhar o caráter oprimido não é fazer um trabalho de desencouraçamento psicológico, como o realizado nos grupos de psicoterapia; nem tampouco *sociologizar* as relações do oprimido, desqualificando ou minimizando a sua estrutura psíquica, como é comum nos trabalhos de educação popular.

Nem por um lado nem pelo outro lado os esforços são suficientes. Acreditamos que as condições de desencouraçamento e desenvolvimento pessoal da classe oprimida, estão intimamente ligadas à criação de um clima psicossocial de mudanças individual e social que favoreça a expressão do valor pessoal e do poder pessoal.

Isso quer dizer que a eliminação da estrutura do caráter oprimido não pode ser feita apenas por meios psicológicos, e sim também por meios sociais e políticos.

4.3. Valor Pessoal e o Poder Pessoal

Para o autor, o valor pessoal é um sentimento de valor intrínseco que se manifesta quando a pessoa entra em contato com o seu núcleo de vida, uma tendência natural para a realização. Sentir-se capaz de viver, gostar de si mesmo, acreditar na sua capacidade de conviver e realizar trabalho, são expressões do valor pessoal.

O poder pessoal é a capacidade de influir na construção de relações saudáveis com os outros e com a realidade. É a potência com que se vive a cada momento, buscando o crescimento de si e de outro.

O valor pessoal e o poder pessoal são expressões da própria identidade, que se formam ou se restauram nas relações sociais.

Carl Rogers (1980) cita a congruência das idéias, sentimentos e ações; a aceitação de si e do outro e a capacidade de sentir o outro; como fenômenos geradores de crescimento individual e grupal. Acrescentamos a organização

3. Para um estudo da psicopatologia do oprimido ver "Psicoterapia do Oprimido" de Alfredo Moffatt (vide bibliografia).

comunitária e a luta reivindicatória e transformadora da realidade, como fenômenos que completariam o universo a ser trabalhado pela Psicologia Popular para a restauração do valor pessoal e do poder pessoal na classe oprimida.

Quando o oprimido passa a exercitar-se como pessoa, percebe que as suas mãos são construtoras de si mesmo e de sua realidade. Começa a enfrentar a opressão com entusiasmo e se alegra com as suas próprias ações de solidariedade e luta.

A percepção de si mesmo se modifica, melhora suas relações na família e na vizinhança, passa a participar ativamente da organização do seu bairro e das comissões reivindicatórias e políticas, dando importância ao Conselho Comunitário, a associação, ao sindicato e ao partido político.

* Uma direção de comunidade, de sindicato ou de partido, que não for sensível ao valor pessoal e ao poder pessoal de cada participante, acreditando apenas no paternalismo, na força ideológica ou na *força das massas*, contribuirá para a eliminação ou enrijecimento do organismo popular, perdendo o rumo da luta e dificultando a associação, a sindicalização e a participação política do oprimido.

Dessa forma o oprimido continua sendo *massa de manobra* e o seu valor pessoal ignorado e o seu poder pessoal não utilizado.

Acreditamos que as direções surgidas dos pequenos grupos populares onde o valor pessoal e o poder pessoal são os elementos básicos para a comunicação essencial entre as pessoas poderão encaminhar a luta popular com maior força, objetividade e respeito pelos companheiros e pelos outros grupos de base.

5. UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Defendemos o caminho da expressão do núcleo de vida do oprimido, através da restauração do valor pessoal e do poder pessoal, da eliminação ou redução da ideologia de submissão e resignação e do caráter oprimido.

Para isso é preciso criar um clima psicossocial favorável ao crescimento pessoal e social, através dos pequenos grupos populares.

5.1. Condições Para a Criação de um Clima Psicossocial de Crescimento Pessoal e Social

Consideramos seis as condições básicas para favorecer o crescimento pessoal e social da classe oprimida. São condições utilizadas há muito tempo em psicoterapia, educação popular e ação política.

A proposta desse trabalho é a de que possam ser praticadas de modo integrado num esforço de Psicologia Popular.

São as seguintes as condições básicas:

- Congruência
- Aceitação
- Empatia
- Diálogo
- Organização Comunitária
- Luta reivindicatória e política.

5.1.1 Congruência, Aceitação e Empatia

De acordo com Rogers (1983), *os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima, passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras.*

Há três condições que devem estar presentes para que se crie um clima facilitador de crescimento. Estas condições se aplicam indiferentemente à relação terapeuta-paciente, pais-filhos, líder e grupo, administrador e equipe. Estas condições se aplicam, na realidade, a qualquer situação na qual o objetivo seja o desenvolvimento da pessoa. Já descrevi essas condições em outros trabalhos. Apresento aqui um pequeno resumo do ponto de vista da psicoterapia, mas a descrição se aplica a todas as relações mencionadas.

O primeiro elemento poderia ser chamado de autenticidade, sinceridade ou congruência. Quanto mais o terapeuta for ele mesmo na relação com o outro, quanto mais puder remover as barreiras profissionais ou pessoais, mais a probabilidade de que o cliente mude e cresça de um modo construtivo. Prossegue Rogers: (...) Portanto, dá-se uma grande correspondência, ou congruência, entre o que está sendo vivido em nível profundo, o que está presente na consciência e o que está sendo expresso pelo cliente.

A segunda atitude na criação de um clima que facilite a mudança é a aceitação, o interesse ou a consideração — aquilo que chamo de “aceitação incondicional” Quando o terapeuta está tendo uma atitude positiva, aceitadora, em relação ao que quer que o cliente seja naquele momento, a probabilidade de ocorrer um movimento terapêutico ou uma mudança aumenta. O terapeuta deseja que o cliente expresse o sentimento que está ocorrendo no momento, qualquer que ele seja — confusão, ressentimento, medo, raiva, coragem, amor ou orgulho. Esse interesse por parte do terapeuta não é possessivo. O terapeuta tem uma consideração integral e não condicional pelo cliente.

O terceiro aspecto facilitador da relação é a compreensão empática. Com isso quero dizer que o terapeuta capta com precisão os sentimentos e significados pessoais que o cliente está vivendo e comunica essa compreensão ao cliente. (...) Este tipo de escuta ativa e sensível é extremamente raro em nossas vidas. Pensamos estar ouvindo, mas muito raramente ouvimos e compreendemos

verdadeiramente, com real empatia. E, no entanto, esse modo tão especial de ouvir é uma das forças motrizes mais poderosas que conheço.

De que modo este clima que acabo de descrever leva à mudança? Resumidamente, eu diria que se as pessoas são aceitas e consideradas, elas tendem a desenvolver uma atitude de maior consideração em relação a si mesmas. Quando as pessoas são ouvidas de modo empático, isto lhes possibilita ouvir mais cuidadosamente o fluxo de suas experiências internas. Mas à medida que uma pessoa compreende e considera o seu eu, este se torna mais congruente com suas próprias experiências. A pessoa torna-se então mais verdadeira, mais genuína. Essas tendências, que são a recíproca das atitudes do terapeuta, permitem que a pessoa seja uma propiciadora mais eficiente de seu próprio crescimento. Sente-se mais livre para ser uma pessoa verdadeira e integral."

(Carl Rogers, "Um jeito de ser", pág. 38 e 39. E.P.U., 1983).

5.1.2 O Diálogo

Para Paulo Freire (1977). "O diálogo é este encontro dos homens mediatisados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu".

Continua, "Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. É preciso primeiro que, os que assim se encontram negados no direito primordial de dizer a palavra, reconquistem esse direito, proibindo que este assalto desumano continue.

Se é dizendo a palavra com que, "pronunciando" o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.

Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes.

Não é também discussão guerreira, polêmica, entre sujeitos que não aspiram a comprometer-se com a pronúncia do mundo, nem com buscar a verdade, mas com impor a sua.

Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação de pronunciar de uns a outros. É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens".

(Paulo Freire, "Pedagogia do Oprimido", pág. 93 — Paz e Terra, 1977).

5.1.3. Organização Comunitária e Luta Reivindicatória e Política

É comum encontrarmos nos bairros pobres uma grande desorganização psicossocial aliada à miséria. Pequenas casas contíguas, com um, dois ou três compartimentos, onde moram muitas vezes 10 pessoas, constituem os quarteirões cheios de crianças e jovens.

As pessoas são resistentes a mudança e acreditam que as coisas não mudam a não ser se uma autoridade quiser. Repetem em demasia o papel do opressor, no individualismo e nos conflitos de vizinhança.

Por outro lado, a forte religiosidade do oprimido é muito contaminada com a fé alienada, deturpando valores fundamentais da verdadeira dignidade humana, como justiça social, solidariedade, liberdade e, inclusive, da própria religiosidade.

O valor pessoal e o poder pessoal são escassos nas relações psicossociais e na crença em um futuro melhor.

A sensação é a de que o oprimido está *esperando* ou já se *desiludiu* há muito tempo.

De um modo geral não encontramos a vida comunitária, mas sim a desorganização e a desagregação individual e social. Mas, no meio dessa situação, encontramos pessoas que ainda estão vivas e brilhantes, fazendo esforços para a vida se modificar.

Essas pessoas podem formar um pequeno grupo e trabalhar juntas; descobrir novos moradores e conhecer pessoas, (que não pertencem à mesma classe), possuidoras de um forte sentimento de amor e justiça social, que ajudam nessa caminhada.

Acontecendo isso, novos grupos poderão ser formados e assim a ação comunitária se desenvolverá com força e profundidade. O bairro se organizará em torno de uma associação de moradores ou de um conselho comunitário.

Essa prática conjunta dos moradores gera um sentimento de força e coesão, de coragem e de vontade de lutar e renascer.

Como está escrito aqui parece simples e fácil de se realizar. Não é assim. Existem muitas dificuldades para se chegar à organização e à luta popular.

É comum o fracasso aparente, a frustração e a desistência. Mas aqueles grupos que resistem a tudo isso podem frutificar em verdadeiras comunidades.

A organização comunitária se forma na base, o povo decidindo e agindo em comum acordo. Os moradores pensando juntos, decidindo juntos e praticando juntos, num esforço solidário de verdadeira caminhada individual e social.

A classe oprimida organizada e atuante nas lutas reivindicatórias e políticas, através das associações, dos seus sindicatos e dos seus partidos políticos, poderão caminhar em direção à sua libertação.

Aceitamos a força dos grupos, a sua capacidade de transformar e integrar o indivíduo e a comunidade.

O pequeno grupo onde as interações são face-a-face, propicia o aparecimento de um clima psicossocial favorável ao crescimento individual, grupal e social.

As psicoterapias já confirmaram o valor do pequeno grupo nas mudanças individual e grupal. Quanto ao seu valor para a mudança social, basta ver a força das CEBs, dos Sindicatos atuantes e o exemplo dado pelas grandes manifestações Pró-Diretas Já, realizadas recentemente. Foi clara a integração de centenas ou milhares de pequenos grupos organizados em torno de um ideal comum.

A homogeneidade e coesão das ações de uma multidão calculada em 1.000.000 de pessoas em S. P., foram geradas no seio dos pequenos grupos em função de uma motivação e um objetivo comuns.

Essa é a força do pequeno grupo. Capaz inclusive de organizar e dar um só rumo à multidão, buscando refazer o tecido social, econômico e político.

O pequeno grupo popular é aquele em que o objeto de trabalho são as condições psicossociais do grupo e a transformação delas pelo próprio grupo, sejam elas de natureza individual ou social.

O grupo é trabalhado nas suas forças interacionais internas e nas suas forças interacionais com o meio sócio-econômico e político.

As forças interacionais internas dizem respeito aos componentes de estruturação, organização e desenvolvimento interno dos membros e do próprio grupo. Implicam na sustentação e apoio sócio-emocional, no fortalecimento de interações psicológicas nutritivas, na comunicação aberta, no compromisso e na responsabilidade com as decisões e ações do grupo, na participação efetiva e na formação de uma consciência crítica.

As forças interacionais externas dizem respeito às relações de busca, cooperação e luta no meio-ambiente social, econômico e político. Trata da análise da realidade e das maneiras de modificá-la em função das necessidades do grupo do bairro e da classe oprimida.

O pequeno grupo popular integra-se a outros grupos do bairro, ou fora dele, no sentido de cooperar e criar uma estrutura de sustentação e desenvolvimento comunitário, bem como facilitar a participação dos seus membros em sindicatos e partidos políticos.

Existem diversos tipos de grupos populares e todos eles são importantes para o desenvolvimento de uma comunidade. Os moradores procuram os grupos que estejam de acordo com os seus interesses, como: teatro, música, oração, esporte, festa, política, mutirão etc. Todos esses grupos formam a comunidade e representam unidades potenciais de mudanças individual e social, bastando apenas estruturá-los de acordo com os modelos de encontro (Rogers, 1979),

de vivência (Toro, 1977) e de círculo de cultura (Freire, 1979). Esses modelos facilitam o aparecimento das condições necessárias à criação de um clima psicossocial, onde a ideologia de submissão e resignação perde a sua força e influência, cedendo lugar às expressões de valor pessoal e de poder pessoal, isto é, permitindo o retorno do oprimido ao fluxo natural da realização humana.

Esses modelos de grupos podem ser caracterizados da seguinte maneira:

Grupo de Encontro – Facilita o compartilhar de dificuldades e realizações pessoais, de sentimentos, de frustrações e de conflitos, assim como favorece a aceitação, o apoio e a proteção psicossocial. Permite a descoberta de si e do outro como seres sensíveis e autênticos – pessoas.

Grupo de Vivência – Estrutura-se de modo não verbal, através de músicas e de movimentos sensíveis e harmônicos, facilitando a regulação entre a tensão e a relaxação, a aceitação do corpo e de novas formas para vivê-lo, isto é, de viver a si mesmo sem medo, culpa ou inferioridade.

Círculo de Cultura – Grupo estruturado para favorecer o diálogo, a descoberta da realidade e a maneira de modificá-la. Baseia-se no método VER-JULGAR-AGIR, onde a realidade é decodificada e codificada através de palavras geradoras levantadas pelo próprio grupo e representativas do meio em que os participantes vivem. Contribui para o despertar da consciência crítica, para a organização comunitária e para a ação política.

6 – O TRABALHO DE PSICOLOGIA POPULAR NO BAIRRO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS DO PIRAMBU

Como a Psicologia poderia atuar junto à classe oprimida?

Pensando nisso, o autor procurou conviver com os moradores do Pirambu, que é um bairro surgido na década de 30 e consolidado em 1962 através da Grande Marcha do Pirambu.

Essa marcha trouxe como resultado a desapropriação do terreno pelo governo e entregue à igreja para administrá-lo através de um conselho comunitário onde o pároco tem o poder de veto sobre qualquer decisão desse conselho.

De 1962 para cá, o bairro teve quatro párocos. O primeiro padre, responsável pelo início da organização do Pirambu e mentor da Grande Marcha, ainda hoje é lembrado com saudade e carinho. Os dois padres seguintes, da ala conservadora e paternalista da igreja, facilitaram a decadência do bairro pela omissão e pelo paternalismo. Nessa época os grupos de renovação carismática prosperaram, contribuindo ainda mais para a alienação dos moradores, em conjunto com algumas assistentes sociais que lá trabalhavam.

Além disso, com o crescente desemprego, a violência cresceu e a repressão aumentou no bairro. Os serviços públicos se omitiram e o Pirambu foi se tornando cada vez mais decadente na sua organização psicossocial e econômica.

Em 1982 chegou o quarto padre, o qual permanece até hoje. Pertence à ala progressista da igreja e se orienta pela Teologia da Libertação. Não faz um trabalho direto com o povo, mas deixa-o atuar como quiser.

A igreja católica tem uma grande influência sobre os moradores em razão da forte religiosidade existente e pelo fato de ser a *gestora oficial* do terreno de todo o bairro do Pirambu.

Nesse contexto, convivemos com os moradores durante 3 anos, realizando trabalhos de alfabetização de adulto (1981), com *drogados* e marginais (1982) e com jovens e adultos de um modo geral em 1983 e 1984.

Desse convívio e dessa experiência, surgiu a compreensão de que todo trabalho popular deve ter como base a organização e militância dos moradores na luta pelo atendimento de suas próprias necessidades e objetivos. É nesse contexto que deve ser inserido todo e qualquer trabalho de saúde, educação, política e outros, inclusive de Psicologia.

É preciso que os moradores assumam a vida do bairro, em todas as suas manifestações (necessidades, problemas, realização etc.), sejam positivas ou negativas para a comunidade.

Em outubro de 1983, começamos um trabalho popular com um grupo de jovens do bairro, denominado *Libertação*, que visava recuperar jovens *marginais* e *drogados*.

Várias reuniões e ações foram realizadas, para ajudar a esses jovens. Cada vez mais o grupo ia crescendo, ampliando suas atividades para o apoio à organização comunitária e à luta reivindicatória e política.

Em janeiro de 1984 esse trabalho transformou-se em um projeto de extensão universitária denominado *Atendimento Psicossocial de Jovens e Adultos do Pirambu*. Isso não implicou no aparecimento de recursos financeiros, mas contribuiu para obtermos alguns tipos de ajuda tanto pela Pró-Reitoria de Extensão como pela Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, que foram e ainda estão sendo da maior importância no projeto.

Quando surge a necessidade de recursos financeiros, os moradores se reúnem e fazem festas, bingos, sorteios e arrecadações entre eles, bem como organizam comissões para exigirem junto aos órgãos públicos a solução para os problemas do bairro.

Foi a partir dessa caminhada que hoje estamos falando com segurança, mas ainda sem *consistência científica*, de uma Psicologia Popular.

Queremos realmente contribuir para o desenvolvimento individual e comunitário através da substituição do caráter oprimido pela expressão do valor pessoal e do poder pessoal dos moradores. Para isso é necessário e está surgindo um clima psicossocial sustentado pelos fatores de espontaneidade, aceitação, empatia, diálogo, organização comunitária e luta reivindicatória e política, presentes cada vez mais nos participantes desse esforço comunitário.

O Grupo Libertação representa um papel que caberia ao Conselho Comunitário, mas como esse é omissivo, o grupo foi ocupando espaço e canalizando os moradores em suas ações. Em outubro de 1984, haverá eleição para o Conselho e muitos membros do grupo irão candidatar-se, pois reconhecem a importância do Conselho Comunitário.

Nesse grupo existem três cargos básicos: os conselheiros, os coordenadores e os colaboradores.

Os primeiros são moradores do bairro, podendo ser coordenadores ou não, e representam a direção geral dos trabalhos. Os segundos são também moradores do bairro e responsável pela coordenação das atividades psicossociais que são realizadas; todos são membros do Conselho do Grupo de Libertação. Os colaboradores são pessoas de fora da comunidade, como o autor, que trabalham com o Grupo e com toda a comunidade.

Cada atividade psicossocial é constituída de uma coordenação (um coordenador eleito, participantes do bairro e dois colaboradores) que atuam junto aos moradores do Bairro interessados nessa atividade.

Atualmente, contamos com doze atividades, assim denominadas:

1. Reflexão e Ação Comunitária;
2. Horta Comunitária;
3. Organização de Quarteirões;
4. Grupo de Mulheres;
5. Alfabetização de Adultos;
6. Educação Política;
7. Vivência de Grupo;
8. Oficina de Aprendizagem e Produção;
9. Conversa Individual;
10. Educação e Lazer com Criança;
11. Posto de Alimento;
12. Jornal do Pirambu.

Acreditamos que, com o tempo, cada atividade se torne autônoma, constituindo-se em um grupo próprio ligado ao Conselho Comunitário.

Dessa forma podemos falar, no futuro, da existência de uma organização psicossocial e comunitária no Bairro Nossa das Graças do Pirambu, mantida pelo valor pessoal e poder pessoal de cada morador.

6.1 Reflexão e Ação Comunitária

Todas as segundas-feiras, à noite, são realizadas reuniões para debater sobre os problemas do bairro, quais são eles, porque existem e como resolvê-los. A discussão é animada, havendo participação das pessoas presentes, cujo número varia toda semana entre 50 a 70 pessoas. Surge uma maior interação entre os membros da comunidade, diminui a desinibição para falar e cria-se um clima psicossocial de força, coesão e ajuda.

As pessoas passam a perceber o valor da união, a compreender como estão vivendo e por que; enfim, cria-se uma atmosfera de enriquecimento individual e grupal, de autenticidade e empatia.



Fig. 1 — Reunião de reflexão e ação comunitária de moradores do bairro N. S. das Graças do Pirambu.

Os problemas mais debatidos nessas reuniões são:

- violência policial, e de moradores do bairro
- falta de chafariz ou chafariz quebrado
- taxa do IPTU
- transferência do pessoal da Rua Santa Inez para o Conjunto das Goibeiras, pela PROAFA
- invasão das casas pelo mar e necessidade de quebra-mar
- lixo
- creches
- emprego e alimento
- falta de calçamento
- alcoolismo e droga
- problemas familiares
- desorganização dos quarteirões
- analfabetismo.

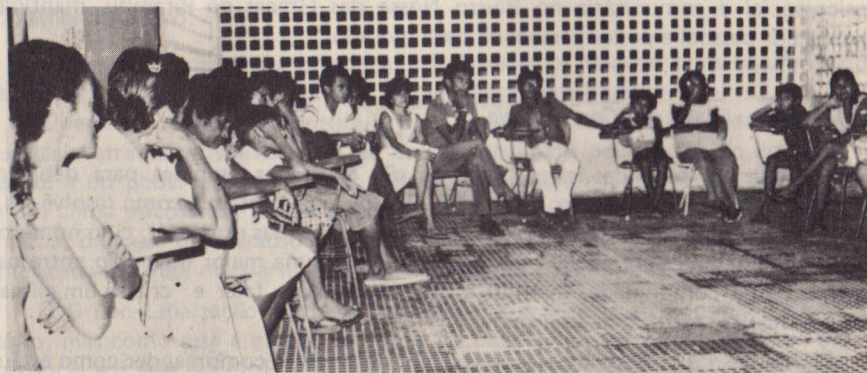


Fig. 2 — Discussão sobre a formação de uma comissão de moradores para reivindicar um posto de alimento da CODAGRO, para o bairro.

6.2. Horta Comunitária

O trabalho está sendo realizado, como primeiro passo, no quintal da própria casa do Grupo de Libertação. Adultos e jovens estão trabalhando, limpando o chão, semeando e colhendo.

Foram plantados feijão, cebolinha, alface, coentro, milho e cenoura. As pessoas já se beneficiam desses produtos.

Cada vez mais o esforço de levar o trabalho das hortas para as casas se amplia.

Quem tem quintal se junta com que não tem, e passam a fazer a horta que beneficiará aos que trabalharem, inclusive trocando produtos com outras **hortas do quarteirão ou do bairro.**



Fig. 3 — Moradores fazendo uma horta comunitária.

6.3 Organização dos Quarteirões

A necessidade de organizar os quarteirões, criando-se comissões em cada um, surgiu como consequência das reflexões de segunda-feira, no grupo de reflexão e ação comunitária.

Todas as 3.ªs, 4.ªs e sábados, são realizadas reuniões em alguns quarteirões interessados em discutir os seus problemas e as formas de resolvê-los.

Essas reuniões seguem o mesmo processo das reuniões de reflexão e ação comunitária, sendo debatidos os problemas próprios do quarteirão.

São formadas comissões que se dirigem aos órgãos públicos para reivindicar melhorias para o bairro e os quarteirões.



Fig. 4 – Círculo de Cultura da Rua Marcílio Dias, usando como tema gerador o problema de esgoto do quarteirão.

Uma das características dessas comissões é o espírito de alegria e de festa que surge quando os membros se encontram e se dirigem a pé ou de ônibus para os órgãos públicos. Vemos aí um sentimento de valor intrínseco que começa a florescer. Às vezes cantam músicas religiosas e o Hino do Pirambu. Esse hino, feito em 1962 para a grande marcha em busca dos seus direitos, atualmente foi ressuscitado e está sendo usado nesse esforço de organização comunitária e luta reivindicatória e política, como uma bandeira de força e identidade comunitária.



Fig. 5 – Círculo de Cultura da Rua 7 de Setembro, usando como tema gerador o problema do calçamento do quarteirão.

HINO DO PIRAMBU

Vem ver ó Fortaleza
O Pirambu marchar
Somos pessoas humanas
Temos direito que ninguém pode tirar

Somos cristãos que não temem
Cristo é o nosso ideal
Por ele todos faremos
A Reforma Social

Pirambu marchar
Pirambu marchar
Por um mundo melhor vamos lutar.

Letra e Música: Padre Geraldo

Feita em janeiro de 1962 para a grande marcha do Pirambu, cujo objetivo foi levar às autoridades os problemas do lugar, inclusive a necessidade de desapropriação da área.

6.4 Grupo de Mulheres

É a mais nova das atividades e surgiu em função dos depoimentos das mulheres sobre as suas dificuldades no trabalho, com os maridos e mesmo quanto a educação das crianças.

Elas discutem seus problemas e a maneira de resolvê-los. O interessante desse grupo é que os homens participam e discutem também, procurando dar apoio à integração Mulher-Homem.

6.5. Alfabetização de Adultos

Representa o momento da entrada do oprimido analfabeto na cultura letrada. É algo ainda simples, realizado por monitores treinados no método de alfabetização de adultos de Paulo Freire. São jovens e adultos do bairro e colaboradores de Psicologia e Educação.

É o primeiro passo para uma cruzada de alfabetização de adultos a ser desencadeada na comunidade.

Penetrar na cultura letrada é uma conquista para compreender melhor a dinâmica social e preparar-se para uma maior autonomia no cotidiano.

A educação do oprimido se dá num contexto dialógico, no encontro através da palavra transformadora, onde se faz presente a consciência da própria realidade em que vive. Descobrir o significado, por exemplo, da palavra *Pirambu*, é descobrir a história, a realidade e as perspectivas dos que vivem no bairro, e encontrar caminhos para a transformação dessa realidade em um futuro melhor.



Fig. 6 — Alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire.

6.6. Educação Política

Diante do crescimento da ação comunitária, tornou-se necessária nessa nova fase do trabalho, em face das novas discussões e dos rumos da organização comunitária, a Educação Política, que visa facilitar, nos membros da comunidade, o aparecimento de uma visão crítica da realidade sócio-econômica e política.

O curso está sendo realizado para o Conselho da Casa do Grupo Libertação, representantes dos quarteirões, outros grupos da comunidade e para os colaboradores do Grupo Libertação.

6.7. Vivência de Grupo

Essa atividade é realizada através de sessões, às quintas-feiras, num ambiente fechado e protegido, para que não ocorram interrupções por pessoas ou fatores externos.

A Abordagem Centrada na Pessoa, de Carl Rogers, e as Vivências de Biodança, de Rolando Toro, são os meios utilizados para criar a atmosfera de crescimento individual e grupal.

O compartilhar existencial, as relações com o mundo emocional, as vivências profundas de encontro e intimidade, vão revelando e desabrochando cada participante na alegria, vivacidade e leveza. Movimentam-se ágil, e sinergicamente pelo espaço, expressando nos gestos, na linguagem e no próprio movimento, um novo sentido, uma nova descoberta do valor intrínseco de si mesmo e do potencial de realização para a vida.



Fig. 7 — Vivências de comunicação corporal (não verbal) com jovens do bairro.

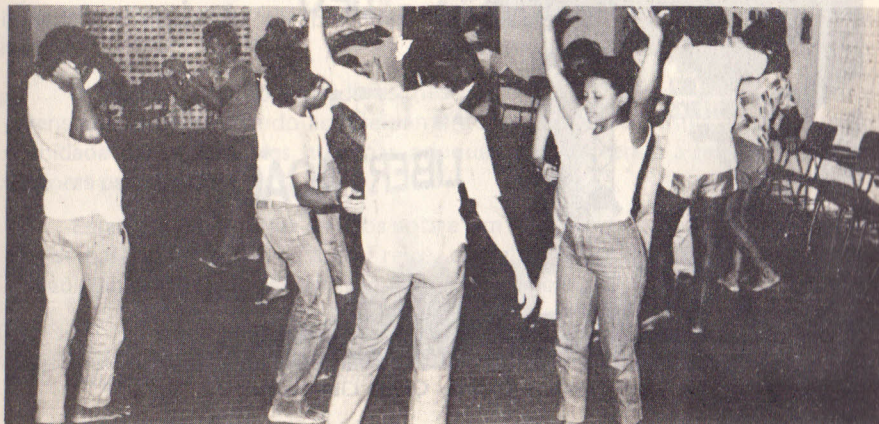


Fig. 8 — Exercícios de fluidez corporal baseados na teoria da Biodança.

6.8. Oficina de Aprendizagem e Produção

A oficina visa ser a base para uma futura cooperativa artesanal.

Atualmente o grupo responsável por essa tarefa está realizando discussões a respeito da construção do galpão e do mutirão necessário à orientação de material para a sua construção, aproveitando um terraço existente na Casa do Grupo de Libertação

É uma oficina de aprendizagem e produção porque os jovens serão preparados por outros jovens e adultos para produzirem alguns produtos, tais como:

bolsa, cinto, toalha, quadro etc..., e a venderem no mercado do Pirambu e no mercado turístico de Fortaleza.

No dia-a-dia da comunidade constatamos jovens e adultos com vontade de trabalhar e sem emprego, com capacidades e habilidades desperdiçadas ou exploradas nas fábricas onde ganham míseros salários.

Vários depoimentos entristecidos colhemos em conversas individuais e de grupo, sobre o potencial desperdiçado, explorado e enganado, bem como uma vontade de trabalhar, produzir e ganhar dinheiro.

Pessoas tristes, frustradas, alcoolizadas e ansiosas, por não verem futuro e não terem o que fazer ou o que comer, representam um quadro forte desse drama social que a cada dia sangra mais o coração do Nordeste.

É muita energia desperdiçada que as oficinas de produção poderão canalizar para um trabalho significativo. O objetivo é longo, mas a primeira oficina começa a ser instalada.



Fig. 9-A — Casa do Grupo Libertação.

6.9. Conversa Individual

Essa atividade ainda não foi iniciada de modo sistemático, mas ocorrem conversas entre pessoas do bairro e colaboradores. São conversas íntimas sobre uso de drogas, briga familiar, problemas financeiros e de emprego, inibição, conflitos com companheiros, solidão, irritação etc...

Esses momentos têm um grande significado psicossocial pelo simples fato da pessoa estar sendo ouvida num momento dedicado a ela. Isto ocorre pouco na família e no Bairro.

De um modo geral as pessoas não têm com quem conversar, desabafar ou contar suas dificuldades. Falar em grupo muitas delas têm vergonha, preferindo não fazer logo no primeiro momento.



Fig. 9-B — Reunião de Coordenadores de Atividade e Colaboradores.

O sentimento de culpa e a deformação religiosa são fatores negativos que impedem a pessoa de compreender melhor o que está se passando consigo mesma.

O esforço dos colaboradores nessa atividade também é o de preparar jovens e adultos na arte do aconselhamento psicossocial. Existem pessoas na comunidade com qualidades humanas adequadas a exercerem a tarefa de aconselhadore psicossociais.

Estamos em fase de estudos sobre um modelo de aconselhamento breve, que se baseia em Rogers e Paulo Freire, o qual facilitará e trará resultados positivos ao trabalho de aconselhamento que essas pessoas realizarão.

6.10. Educação e Lazer com Crianças

Esse trabalho surgiu quando os membros do Grupo Libertação perceberam a constante presença das crianças nas reuniões dos adultos.

As mães traziam as crianças para as reuniões por não terem com quem as deixar. Esse tema foi debatido e considerado sério, principalmente quanto a questão das mães irem para o trabalho deixando as crianças *perambulando* nas ruas ou então trancadas em casa.

Essa é a educação que as crianças, em sua maioria, recebem no bairro.

Diante dessa situação foi formado um grupo de trabalho com crianças, voltado para atividades educativas, recreativas e alimentar.

Está se tentando conseguir junto à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da U. F. C. merenda escolar para 60 crianças, as quais já estão participando das atividades de pintura, psicomotricidade, Biodança, jogos de aprendizagem e recreação.



Fig. 10 — Exercício de respiração com crianças.

Progressivamente estão sendo criadas condições que favorecem uma melhor formação e desenvolvimento da personalidade dessas crianças. Elas ajudam na horta, na limpeza da casa do grupo, numa prática comunitária onde se consolida a relação de ajuda.

Percebem que os adultos estão juntos com elas e, entre elas mesmas surge a camaradagem, a alegria e o sentimento de grupo.



Fig. 11 — Moradora coordenando um grupo de crianças.

6.11. Posto de Alimento

Recentemente houve uma reunião no Conselho da Casa do Grupo Libertação para discutir a questão da criação de um posto de alimento, proposta na reunião de reflexão e ação comunitária.

Essa necessidade surgiu da extrema miséria e das grandes dificuldades que vivem as pessoas do bairro. Muitas estão desempregadas, subempregadas ou ganhando o mínimo.

Numa das reuniões de reflexão, uma senhora relatou que trabalha o dia inteiro, saindo pela manhã e voltando a noite. Nesse intervalo as suas crianças ficam trancadas em casa comendo farinha com água.

É um exemplo bastante comum no Pirambu.

Devido a carência alimentar o nível de doenças é muito alto. Tuberculose, gripes, diarreias, infecções generalizadas, ocupam uma posição elevada, em conjunto com a angústia, a depressão, a crise explosiva, a violência, o alcoolismo e a alienação.

Foi criada uma comissão de representantes de quarteirões para definir e operacionalizar o Posto de Alimento, mantendo inclusive as relações necessárias com a CODAGRO, órgão da Secretaria de Agricultura do Estado do Ceará.

Vender arroz, feijão, farinha, macarrão, óleo, açúcar e rapadura, pela metade do preço, é o empreendimento a ser executado no posto de alimento, a ser instalado no próprio bairro e sob o controle do Conselho Comunitário.



Fig. 12 — Momento da merenda sob a Coordenação de um jovem do Movimento Libertação.

6.12. Jornal do Pirambu

Divulgar o trabalho da comunidade entre seus membros e para outros bairros, informar sobre o andamento das atividades, fornecer notícias da situação do país, gratuitamente, é a finalidade do Jornal do Pirambu.

É um órgão de divulgação, discussão e busca de soluções para os problemas da comunidade.

A informação é algo que falta ao bairro, principalmente uma informação que fale do próprio lugar, que incentive as pessoas a ação comunitária, que esclareça sobre os direitos dos moradores, que situe as pessoas e os problemas dentro dos contextos do bairro e nacional.

7. CONCLUSÃO

Fazer uma Psicologia Popular não é ter como objetivo criar uma nova área de Psicologia, apesar de que ela inevitavelmente surgirá, dadas as condições de uma sociedade dividida em classes e subdesenvolvida.

O objetivo maior é contribuir com a população pobre na luta por identidade e autonomia pessoal e comunitária, além de contribuir para a justiça social e por uma sociedade democrática e popular, onde novas relações sócio-econômicas fornecerão as condições para a formação e desenvolvimento do indivíduo, do novo ser humano, na sua caminhada para a realização pessoal e social.

Essa contribuição deve se dar através da pesquisa e da organização do conhecimento e das experiências no campo da Psicologia, que possam ser utilizados com efetividade na classe oprimida.

Os modelos teóricos em Psicologia são quase todos elaborados a partir de estudos realizados na classe média e na classe alta e, além disso, grande parte originária dos países desenvolvidos da Europa e da América do Norte. Creio que a ideologia que subjaz a muitos desses modelos e práticas é a mesma que orientou a ação dos colonizadores da América Latina, Ásia e África.

Não estamos com isso negando a validade universal da pesquisa científica, mas sim procurando demarcar a presença e a importância da cultura e das variáveis específicas dos diversos segmentos de uma sociedade de classes, subdesenvolvida e explorada.

Queremos alertar e debater sobre a função social e política da Psicologia e, particularmente, sua forma de ação no Nordeste.

A reflexão e prática contidas nesse trabalho revelam uma necessidade e uma possibilidade de a Psicologia estar presente no esforço de transformação das condições sócio-econômicas e psicológicas da classe oprimida.

8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- Freire, Paulo — *Pedagogia do Oprimido*. 7. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979
———. — *Educação como Prática de Liberdade*. 9. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979
Loyello, Washington — *Para uma Psiquiatria da Libertação*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983
Moffatt, Alfredo — *Psicoterapia do Oprimido*. São Paulo, Cortez ed., 1980
Reich, Wilhelm — *A Análise do Caráter*. Lisboa, publicações D. Quixote, 1979
Rogers, Carl — *Grupos de Encontro*. 3. ed., São Paulo, Martins Fontes, 1979
———. — *Um Jeito de Ser*. São Paulo, E. P. U., 1983.
Rouquayrol, Maria Zélia — *Epidemiologia e Saúde, Fortaleza, Ed. Unifor, 1983*
Sampaio, Jackson — Artigo "Saúde Mental". In: *Rouquayrol, M. Z., Epidemiologia e Saúde Mental, 1983*
Toro, Rolando — *Textos datilografados de Biodança*. São Paulo, 1977 a 1984
Vieira da Silva, L. M. — *A Fome no Brasil, Princípios*. 7. ed., 1983.